

ADOLESCÊNCIA E O CORPO EM TELA: Subjetivação em Tempos de Hiperconectividade

ADOLESCENCE AND THE BODY ON SCREEN: subjectivation in times of hyperconnectivity

Isael de Jesus Sena¹
Ingrid Ayana de Oliveira teco²

RESUMO: A adolescência constitui-se como um período de intensas transformações psíquicas, corporais e sociais, no qual a constituição subjetiva depende da relação com o outro e da possibilidade de reconhecimento e simbolização das experiências. Na contemporaneidade, esse processo é atravessado pela hiperconectividade e pelo uso intensivo das tecnologias digitais, que reconfiguram os modos de laço social, presença e alteridade. Este artigo, de caráter teórico, tem como objetivo analisar os efeitos da hiperconectividade nos processos de subjetivação na adolescência, com foco na virtualização dos vínculos afetivos e na centralidade da imagem na constituição do sujeito. Trata-se de um ensaio teórico, de natureza qualitativa, fundamentado na articulação entre referenciais da psicanálise e autores contemporâneos da cultura digital. Parte-se da hipótese de que a mediação algorítmica das relações produz formas empobrecidas de reconhecimento, nas quais o olhar do outro é reduzido à lógica da visibilidade e da performance. A análise indica a fragilização dos laços e a intensificação de estados de retraimento e sofrimento psíquico.

Palavras-chave: adolescência; subjetivação; hiperconectividade; laços virtuais; alteridade.

ABSTRACT: Adolescence is a period marked by intense psychic, bodily, and social transformations, in which subjectivation depends on the relationship with others and on the possibility of recognition and symbolization of lived experiences. In contemporary society, this process is shaped by hyperconnectivity and the intensive use of digital technologies, which reconfigure modes of social bonding, presence, and alterity. This theoretical article aims to analyze the effects of hyperconnectivity on adolescent subjectivation processes, focusing on the virtualization of affective bonds and the centrality of images in the constitution of the subject. It is a qualitative theoretical essay grounded in psychoanalytic theory and contemporary studies on digital culture. The hypothesis is that algorithmic mediation of relationships produces impoverished forms of recognition, in which the gaze of the other is reduced to the logic of visibility and performance. The analysis indicates a weakening of bonds and an intensification of withdrawal and psychic suffering.

Keywords: adolescence; subjectivation; hyperconnectivity; virtual bonds; alterity.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, os efeitos da hiperconectividade nos processos de subjetivação na adolescência, com ênfase na

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) e do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Pós-Doutor em Psicanálise e Educação (Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis). Doutor em Ciências da Educação (PARIS 8/UFMG). Mestre em Psicologia Social (UFBA). Psicólogo (CRP 03/4057) e Psicanalista (APOLa/SSA). E-mail: isael.sena@pro.ucsal.br.

² Graduanda em Psicologia da Universidade católica do Salvador. indyteco@gmail.com.

virtualização dos laços afetivos e na centralidade da imagem na constituição do sujeito. A adolescência constitui-se como um tempo de intensas transformações psíquicas, corporais e sociais, no qual o sujeito é convocado a se separar das referências infantis e a construir novos modos de pertencimento e reconhecimento. Trata-se de um período atravessado por instabilidade, desamparo e reconfiguração identitária, no qual a relação com o outro assume papel central para a constituição subjetiva. Na tradição psicanalítica, esse processo sempre esteve articulado à presença de um outro encarnado, capaz de sustentar, simbolizar e devolver ao adolescente uma evidência de si. Na contemporaneidade, entretanto, esse outro aparece cada vez mais mediado por telas, imagens e algoritmos, produzindo deslocamentos significativos na experiência do laço social. O avanço das tecnologias digitais reorganizou profundamente os modos de interação, especialmente entre adolescentes, para os quais as redes sociais passaram a ocupar um lugar privilegiado de encontro, reconhecimento e expressão. A promessa de conexão constante convive, paradoxalmente, com transformações na experiência da presença, da escuta e do tempo compartilhado.

As relações mediadas por dispositivos digitais tendem a se organizar em torno da visibilidade e da exposição de si, convocando o sujeito a responder de forma contínua às demandas de interação e reconhecimento. Nesse contexto, a imagem adquire centralidade como modo de inscrição social, reconfigurando a relação com o corpo, com o olhar do outro e com as formas de pertencimento. Esses deslocamentos não dizem respeito apenas a novas formas de comunicação, mas incidem diretamente sobre os processos de subjetivação. Do ponto de vista psicanalítico, tais transformações colocam em questão as condições necessárias para a constituição do sujeito, especialmente em um momento do desenvolvimento marcado pela imaturidade, pela dependência relacional e pela necessidade de pessoas que possam simbolicamente ocupar o lugar de ambiente seguro. A adolescência, longe de representar um período de autonomia consolidada, exige a presença de um outro capaz de acolher a instabilidade, sustentar a experiência de desorganização e oferecer condições para a simbolização.

Trata-se de um ensaio teórico, de natureza qualitativa, fundamentado na articulação entre referenciais da psicanálise e autores contemporâneos que discutem cultura digital, aceleração e tecnologia. A análise desenvolve-se a partir de uma leitura interpretativa de produções teóricas, buscando compreender os efeitos da hiperconectividade sobre os

processos de subjetivação na adolescência, sem a pretensão de produzir generalizações empíricas, mas de oferecer uma reflexão crítica acerca do mal-estar contemporâneo. A análise organiza-se a partir dos eixos conceituais de reconhecimento, imagem, performatividade e alteridade, que orientam a articulação entre os autores.

1. RECONHECIMENTO, OLHAR E VIRTUALIZAÇÃO DA ALTERIDADE

O reconhecimento ocupa um lugar central na experiência adolescente, aparecendo de forma recorrente nos discursos midiáticos e institucionais como necessidade de pertencimento, validação e visibilidade. A adolescência, enquanto tempo de reorganização identitária, demanda um olhar que devolva ao sujeito alguma consistência simbólica, possibilitando a inscrição de si no laço social. No entanto, na contemporaneidade marcada pela hiperconectividade, esse olhar encontra-se profundamente transformado e pulverizado. Esse deslocamento da experiência para a exposição encontra ressonância na leitura de Sibilia, ao afirmar que “a intimidade deixa de ser vivida como experiência privada para tornar-se um espetáculo oferecido ao olhar do outro” (2015, p. 45). Esse deslocamento também pode ser compreendido a partir das contribuições de Serge Tisseron (2016), que analisa os efeitos das tecnologias digitais sobre os processos de subjetivação. O autor destaca que as interações mediadas por telas tendem a privilegiar a visibilidade e o controle da apresentação de si, em detrimento da implicação subjetiva no encontro com o outro. Nesse contexto, a relação passa a organizar-se menos pela alteridade e mais pela gestão da imagem, o que pode empobrecer a experiência do laço e reduzir a complexidade do reconhecimento.

Observa-se que o reconhecimento, outrora sustentado na relação com um outro encarnado, passa a operar predominantemente por meio de métricas digitais — curtidas, visualizações e comentários — que funcionam como formas reduzidas e fragmentadas de resposta. O olhar do outro, fundamental à constituição subjetiva, torna-se quantificado e instável, deslocando-se da dimensão relacional para uma lógica de desempenho. Nesse cenário, o adolescente não apenas busca ser visto, mas precisa manter-se visível, atualizando continuamente sua imagem para não desaparecer no fluxo acelerado das plataformas digitais. A leitura lacaniana permite aprofundar a compreensão desses deslocamentos ao situar a imagem como operador central da constituição do eu. Lacan (1998) mostrou os

efeitos da primazia do significante e das formações do inconsciente para destacar que o sujeito não se constitui a partir de uma identidade plena, mas a partir de efeitos de linguagem e de reconhecimento mediados pelo Outro.

A imagem, longe de oferecer consistência ao sujeito, opera como ponto de alienação, sustentando identificações imaginárias que mascaram a falta estrutural. Na adolescência, momento de reatualização dessas identificações, a intensificação da exposição imagética nas redes digitais recoloca o sujeito em uma relação especular contínua, na qual o reconhecimento tende a depender da resposta do Outro sob a forma de visibilidade e validação imediata. Esse deslocamento implica uma transformação significativa da experiência da alteridade. O outro encarnado, com sua presença imprevisível, suas falhas e limites, cede lugar a um outro-virtual, mediado por telas e algoritmos. Ainda que constante, essa presença tende a empobrecer a experiência do encontro, uma vez que se organiza prioritariamente na superfície da imagem e da resposta imediata. A mediação algorítmica reorganiza o laço social ao privilegiar interações rápidas, previsíveis e ajustadas aos códigos de visibilidade, reduzindo o espaço para a diferença, o conflito e a espera.

Nesse contexto, o vínculo passa a estruturar-se mais como espelhamento do que como encontro. O outro aparece frequentemente como audiência ou reflexo da própria imagem, e não como alteridade capaz de frustrar, confrontar e sustentar processos simbólicos. Essa substituição incide diretamente sobre a possibilidade de elaboração psíquica, na medida em que a experiência da diferença fundamental à subjetivação que é evitada ou neutralizada. O reconhecimento deixa de operar como experiência de troca e passa a funcionar como índice de aceitação momentânea. A centralidade da imagem, portanto, não apenas reorganiza os modos de reconhecimento, mas transforma a própria experiência do corpo e da presença. O corpo adolescente, capturado pelo enquadramento da tela, torna-se objeto de exibição e avaliação contínuas, submetido a uma lógica de visibilidade que exige atualização permanente. O olhar do outro, reduzido a respostas fragmentadas, já não sustenta a experiência de ser visto como sujeito, mas convoca o adolescente a produzir-se como imagem de caráter performativo. Dessa forma, a virtualização da alteridade tensiona os processos de subjetivação na adolescência ao fragilizar a dimensão do encontro e empobrecer o reconhecimento. Quando o outro aparece predominantemente como imagem ou métrica, a relação perde densidade simbólica e continuidade, afetando a possibilidade de

construção de vínculos sustentáveis. O olhar, em vez de operar como suporte para a constituição subjetiva, passa a funcionar como exigência incessante de visibilidade, colocando o adolescente em uma posição de constante exposição e instabilidade no laço social.

2. LAÇOS VIRTUALIZADOS E PERFORMATIVIDADE

Na cultura da hiperconectividade os laços afetivos estabelecidos na adolescência tendem a organizar-se segundo a lógica da performatividade. O sujeito é convocado a produzir uma versão de si que seja visível, desejável e validável, ajustando sua apresentação aos códigos imagéticos e discursivos que circulam nas plataformas digitais. O reconhecimento deixa de operar prioritariamente como experiência relacional para funcionar como resposta quantitativa e imediata, condicionada à exposição contínua. Nesse contexto, o corpo adolescente assume um lugar central, tornando-se objeto de curadoria constante. Fotografias, vídeos e narrativas de si passam a funcionar como dispositivos de apresentação subjetiva, submetidos à lógica da avaliação permanente. O corpo, mais do que vivido, é exibido; mais do que sentido, é observado. Essa lógica é bem descrita por Han, ao afirmar que “o sujeito de desempenho explora a si mesmo acreditando estar se realizando” (2017, p. 29). A performatividade, assim, não se restringe a um modo de comunicação, mas incide diretamente sobre a experiência de si, reorganizando a relação com o corpo, com o olhar do outro e com o próprio desejo.

Os laços constituídos sob essa lógica tendem a apresentar fragilidade e instabilidade. Sustentados pela manutenção da imagem e pela necessidade de validação recorrente, esses vínculos oferecem respostas rápidas, porém efêmeras, exigindo constante renovação da performance para que o sujeito permaneça visível. O encontro cede lugar à audiência, e o reconhecimento, à aprovação momentânea. O laço perde densidade simbólica e continuidade, tornando-se dependente do fluxo acelerado das interações digitais. Essa configuração no modo de subjetivação a partir das interações digitais tensiona os processos de subjetivação ao deslocar o reconhecimento da esfera do desejo e da alteridade para uma lógica de desempenho. A exigência de aparecer continuamente entra em conflito com o tempo psíquico necessário à elaboração das experiências e à construção de um lugar

subjetivo singular. A performatividade, longe de garantir consistência identitária, expõe o adolescente a uma instabilidade permanente, na qual o valor de si depende da resposta do outro e da permanência no campo da visibilidade. Como aponta Alcântara, “a tecnologia participa ativamente da produção de subjetividades e de formas de segregação” (2021, p. 21). Assim, a virtualização dos laços não apenas modifica as formas de interação, mas reorganiza o modo como o sujeito se inscreve no laço social. Quando a relação com o outro se estrutura prioritariamente a partir da performance, o reconhecimento deixa de sustentar o sujeito em sua singularidade e passa a operar como exigência incessante de adaptação à imagem. A performatividade emerge, portanto, como um operador central para compreender os impasses da subjetivação adolescente na cultura digital, na qual o excesso de visibilidade convive com a fragilização do encontro e do reconhecimento simbólico.

3. AMBIENTE, IMATURIDADE E FALHA DE SUSTENTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Em *Tudo começa em casa*, Donald Winnicott (1986) aprofunda a compreensão da adolescência ao situá-la como um momento estrutural de imaturidade. Para o autor, o adolescente não é um sujeito plenamente amadurecido, mas alguém que atravessa um período marcado por instabilidade, contradições e experimentações, no qual a dependência retorna sob novas formas. O aspecto mais difícil da adolescência reside justamente na exigência de que adultos maduros possam sustentar essa imaturidade sem demandar do jovem uma adaptação precoce às exigências do mundo adulto. Neste trabalho, o termo falha não é utilizado no sentido de ausência absoluta ou negligência deliberada, mas no sentido winnicottiano de falha ambiental, isto é, da insuficiência das condições de sustentação necessárias para o amadurecimento emocional. Trata-se de falhas relativas à presença, à continuidade e à capacidade do ambiente de acolher a desorganização própria da adolescência, oferecendo tempo, limite e possibilidade de simbolização (Winnicott, 1986; 2013).

Winnicott destaca que o amadurecimento emocional não ocorre de forma linear ou autossuficiente, mas depende da existência de um ambiente suficientemente bom, capaz de acolher a desorganização, tolerar a agressividade e sobreviver às oscilações próprias desse

período. Mesmo quando ocorreu um cuidado suficientemente bom na infância, não se pode contar com um funcionamento psíquico “harmonioso” na adolescência, uma vez que certos conflitos são inerentes a esse momento do desenvolvimento. A adolescência reatualiza impasses primários, agora atravessados pelas transformações corporais e pelas exigências de reposicionamento subjetivo no laço social.

Quando a família já não se encontra disponível — ainda que para ser recusada ou dispensada —, torna-se necessária a provisão de pequenas unidades sociais capazes de conter o processo de crescimento do adolescente. A ausência ou fragilização dessa sustentação ambiental pode produzir efeitos significativos na constituição subjetiva, expressando-se por meio de retraimentos, errância ou dificuldades na construção de vínculos. Assim, os modos de sofrimento adolescente observados nos estudos não podem ser compreendidos apenas como conflitos intrapsíquicos, mas como efeitos de impasses nas condições ambientais que sustentam o amadurecimento emocional. As reflexões propostas por Haidt (2023) oferecem uma leitura contemporânea que dialoga com essa perspectiva ao pensar nas transformações do ambiente no qual crianças e adolescentes se desenvolvem. Em *A geração ansiosa*, o autor utiliza a metáfora de “crescer em Marte” para descrever a experiência de sujeitos inseridos precocemente em um ambiente digital radicalmente distinto daquele para o qual o desenvolvimento humano foi historicamente preparado. Trata-se de um contexto marcado pela ausência de corporeidade, pela fragilização dos vínculos presenciais e pela substituição das experiências compartilhadas por interações mediadas por telas.

Embora parta de um referencial distinto da psicanálise, a leitura de Haidt (2023) permite compreender o celular não apenas como um objeto de uso, mas como um ambiente que passa a organizar a experiência subjetiva. Diferentemente do cuidado humano, o ambiente digital não falha, não se ausenta e não responde simbolicamente; ele se mantém disponível de forma contínua, oferecendo estímulos imediatos e eliminando a experiência da espera, da frustração e do intervalo. Nesse sentido, o dispositivo digital deixa de operar como mediação para assumir a função de um ambiente total, que envolve e captura a experiência do sujeito. Nessa perspectiva, a introdução intensiva do celular na vida de crianças e adolescentes pode ser compreendida como a substituição de um ambiente humano por um ambiente técnico. Tal substituição fragiliza as condições necessárias para

que o adolescente viva sua imaturidade de forma sustentada, expondo-o a exigências para as quais ainda não dispõe de recursos simbólicos suficientes. Os efeitos dessa falha ambiental manifestam-se nos resultados analisados por meio do retraimento, da errância e da intensificação do sofrimento psíquico, indicando que o mal-estar adolescente na contemporaneidade não decorre apenas do excesso de conexão, mas da precarização das condições de sustentação subjetiva.

Autores contemporâneos apontam para um conflito entre a temporalidade psíquica e o tempo acelerado das plataformas digitais. O adolescente é convocado a responder rapidamente, a se posicionar, a produzir conteúdo e a reagir, em um ritmo que não corresponde ao tempo necessário à elaboração psíquica. As contribuições de Gurski e Pereira (2016) permitem aprofundarmos essa leitura ao articular adolescência, tempo e experiência. A autora destaca que a passagem adolescente exige um intervalo, um tempo de suspensão, no qual o sujeito possa experimentar, errar e simbolizar suas vivências antes de se precipitar em conclusões identitárias. A cultura contemporânea, marcada pela aceleração e pela exigência de resposta imediata, tende a empobrecer essa dimensão da experiência, encurtando o tempo de compreensão e dificultando a elaboração psíquica. Desse modo, a errância adolescente pode ser compreendida não como desvio patológico, mas como efeito de um laço social que não sustenta a hesitação, o não saber e o tempo próprio da subjetivação. O tédio, o retraimento e a dispersão aparecem, assim, como respostas possíveis à dificuldade de transformar vivências em experiência em um ambiente que privilegia a rapidez, a visibilidade e a performance. Nesse sentido, a errância pode ser compreendida não como falha, mas como “um modo possível de subjetivação” (Bonomo, 2019, p. 58).

4. SOFRIMENTO, RETRAIMENTO E DEMANDAS DE SIMBOLIZAÇÃO

A literatura tem apontado um paradoxo característico da adolescência em tempos de hiperconectividade: o excesso de conexão convive com formas intensas de retraimento e isolamento. Apesar de permanentemente conectados, muitos adolescentes apresentam dificuldades de interação no espaço encarnado, retraindo-se para ambientes privados como o quarto, que passa a funcionar como espaço de refúgio. Esse recolhimento não indica ausência de laço, mas uma forma específica de relação com o outro, marcada pela dificuldade

de sustentar a presença e o encontro. O tédio e o retraimento emergem, nesse contexto, como respostas ao excesso de estímulos que não se deixam simbolizar. Em vez de produzir presença, o excesso produz ruído. Esse ruído constante dificulta a escuta de si e do outro, comprometendo a possibilidade de elaboração psíquica e intensificando sentimentos de vazio, ansiedade e desamparo. O sofrimento psíquico que se manifesta na adolescência hiperconectada não deve, portanto, ser compreendido como falha individual ou déficit subjetivo, mas como expressão de uma tentativa de subjetivação em um ambiente que oferece pouco espaço para a falta, para a pausa e para as trocas por meio da palavra. Sob essa perspectiva, o sofrimento adolescente pode ser compreendido como efeito das transformações no lugar do Outro, que, na cultura digital, tende a responder de forma contínua sem operar como instância simbólica de escuta, produzindo um excesso de significação que dificulta a emergência do desejo.

Longe de constituírem apenas sinais de retração patológica, a angústia, o tédio e o isolamento podem ser lidos como formas de resistência à lógica da performance e da visibilidade incessante. Esses modos de subjetivação indicam que algo do sujeito não se acomoda à exigência de exposição contínua e busca, ainda que de modo silencioso, uma inscrição simbólica possível. O sofrimento aparece, assim, como um pedido de escuta, sinalizando a necessidade de um outro capaz de sustentar o tempo psíquico e a experiência da alteridade. Nessa direção, experiências institucionais de escuta têm mostrado a importância de dispositivos coletivos que sustentem a palavra adolescente. Como apontam Sena, Pereira e Scrinzi, “as rodas de conversa configuram-se como dispositivos de escuta e elaboração dos conflitos vivenciados por adolescentes no contexto escolar” (2023, p. 8).

Nesse sentido, a psicanálise oferece uma via privilegiada para a compreensão desses fenômenos ao sustentar a importância do desejo, da alteridade e da temporalidade própria da subjetivação. Pensar a adolescência em tempos de hiperconectividade implica reconhecer os limites da mediação digital e recolocar a necessidade de espaços de encontro, escuta e sustentação. Não se trata de negar a tecnologia, mas de interrogá-la a partir de seus efeitos sobre o laço social e sobre a constituição do sujeito, reconhecendo que, onde o retraimento aparece, há também uma demanda por presença simbólica e por reconhecimento que ultrapasse a lógica da performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a adolescência, em tempos de hiperconectividade, encontra-se atravessada por transformações significativas nos modos de subjetivação, nos vínculos afetivos e na relação com o outro. Ao ocupar um lugar central na sociabilidade contemporânea, o ambiente digital não apenas amplia possibilidades de contato, mas reorganiza profundamente a experiência do corpo, do olhar e do reconhecimento. Os resultados indicam que a mediação algorítmica das relações tende a produzir formas empobrecidas de encontro, nas quais o outro aparece predominantemente como imagem, métrica ou audiência. A centralidade da visibilidade e da performance desloca o reconhecimento da esfera relacional para uma lógica quantitativa e instável, fragilizando a continuidade dos laços e a possibilidade de inscrição simbólica. Nesse cenário, o olhar do outro deixa de sustentar o sujeito em sua singularidade e passa a operar como exigência constante de exposição.

Do ponto de vista psicanalítico, tal configuração tensiona os processos de subjetivação adolescente, que demandam tempo, alteridade e sustentação ambiental. A cultura da hiperconectividade, marcada pela aceleração e pelo excesso de estímulos, entra em conflito com a temporalidade psíquica necessária à elaboração da experiência, fazendo emergir manifestações como errância, retraimento, tédio e sofrimento psíquico. Esses fenômenos não devem ser compreendidos como falhas individuais, mas como respostas possíveis de um sujeito que tenta se constituir em um ambiente que oferece presença contínua e pouco espaço para a falta, a pausa e a palavra. Nesse sentido, o sofrimento adolescente pode ser lido como uma demanda de escuta. A angústia e o retraimento indicam que algo do sujeito resiste à lógica da performance e busca reconhecimento para além da visibilidade. Ao sustentar a importância do desejo, da alteridade e do tempo psíquico, a psicanálise oferece uma via fundamental para recolocar o adolescente diante da possibilidade de encontro, reafirmando a necessidade de espaços de escuta e sustentação que não se reduzam à lógica da imagem. Nossa reflexão, portanto, não propõe a rejeição da tecnologia, mas uma análise crítica de seus efeitos subjetivos e éticos. Em um contexto marcado pelo excesso de visibilidade e pela fragilização do encontro, torna-se urgente criar

condições para que o adolescente possa ser reconhecido não como performance, mas como sujeito.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Sam. **SEGREGAÇÃO DIGITAL**: subjetividade, política e tecnologia. São Paulo: Ubu, 2021.

BONOMO, Hudson. **A errância como modo de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Blucher, 2019.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea**. Psicologia USP, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429–440, 2016.

HAIDT, Jonathan. **A GERAÇÃO ANSIOSA**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

LACAN, Jacques. **O SEMINÁRIO - LIVRO 5**: as formações do inconsciente (1957–1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SENA, Isael de Jesus; PEREIRA, Marcelo Ricardo; SCRINZI, Mariana. **RODAS DE CONVERSA COM ADOLESCENTES:** estratégias para lidar com conflitos na escola. Educação (Santa Maria), Santa Maria, v. 48, 2023.

SIBILIA, Paula. **O SHOW DO EU: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

TISSERON, Serge. **3-6-9-12:** tornar-se gradualmente autônomo no uso das telas. São Paulo: Papirus, 2016.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **O AMBIENTE E OS PROCESSOS DE MATURAÇÃO: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 2013.